

Modernidade e pós-modernidade: (inter)faces

Modernity and post-modernity: (inter)faces

Regina Nascimento Silva¹

A modernidade é o transitório, o fugaz, o contingente, é a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e imutável.

Baudelaire

O que aparece num nível como o último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança de sensibilidade para a qual o termo “pós-moderno” é na verdade, ao menos por agora, totalmente adequado.

Huysens

Nesse texto, propomos uma reflexão acerca de dois temas conceituais de caráter controverso e confuso, que são apresentados, muitas vezes, com conotações díspares e até mesmo depreciativas: modernidade e pós-modernidade. Dos dois, por não estar ainda consolidado como um corpo claro de tendências e proposições, o segundo termo se apresenta penetrado demais no imaginário cultural da sociedade contemporânea ocidental para ser banalizado.

Descrita muitas vezes como mera continuidade da modernidade ou apresentada como instrumento a serviço do capitalismo, a pós-modernidade insere-se nos meios intelectuais e artísticos, geralmente, para ser rechaçada ou prontamente aceita.

Aceito ou não, a nosso ver, o termo deve ser, no mínimo, refletido como um fenômeno revelador da sensibilidade atual, distinto daquele que vigorou do final do século XIX até a segunda metade do século XX, momento em

que, das mudanças na história do pensamento e da técnica, decorreram outras na forma de se pensar a sociedade, a cultura e a arte.

Hoje, percebemos, tal como apontou Edgar Morin (2005), uma mudança na “estrutura dos sentimentos”. Se tudo parece aduzir para uma sensibilidade outra à qual os cânones modernos pouco dizem, o termo “pós-moderno” seria adequado para as transformações sociais e culturais que ora assistimos. No entanto, o uso do termo não é consensual. Vejamos.

Pós-moderno é um termo equivocado para Otávio Paz (1993), se usado para refletir outro termo complexo como o de pós-modernidade, visto por ele não simplesmente como o que vem depois da modernidade, mas algo dela distinto, que já apresentaria, ainda que em formação, seus traços peculiares.

Para David Harvey (1993), os supostos traços substantivos e exclusivos da pós-modernidade seriam relativos, pois suas principais características poderiam ser encontradas ainda na modernidade. Assim, a pós-modernidade não seria algo inteiramente novo, pois a efemeridade, a transitoriedade e a fragmentação, condicionantes atribuídas a pós-modernidade, também seriam próprias da época moderna, conforme salientam Baudelaire e estudiosos da modernidade, como MacFarlane e Berman, citados por Harvey em *Condição Pós-Moderna*.

Seria a modernidade que os pós-modernos pretendem transcender apenas uma etapa da modernidade? No intuito de responder a esse questionamento, é necessária a reflexão acerca de outro questionamento: em que consistiu ou consiste a modernidade?

1. Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Uberlândia, servidora técnico-administrativa na mesma instituição. / Master's Degree Literature from the Federal University of Uberlândia, technical and administrative public servant at the same institution. E-mail: regina@proex.ufu.br.

O moderno está no bojo da modernidade. O crítico Otávio Paz (1993) vê no termo moderno um nome vazio, que poderia ser recheado de variados conteúdos. Coelho (2005), citando a reflexão de Paz, enfatiza que o vazio seria nossa ideia de moderno ou a nossa referência do que seja moderno, pois ao reconhecermos ou atribuímos a algum objeto o atributo de moderno, não conseguiríamos definir ou precisar em que consiste essa modernidade. Semelhante a esse processo, uma época pensaria a si mesma como moderna, por entender por moderno menos o novo que a novidade, reestruturação de tudo que já foi vivido uma vez.

É pacífico que nem toda novidade é nova e nem todo novo, moderno. Mas, para a sociedade que se pensou moderna, o moderno, no limite, foi simultaneamente a negação da tradição e a valorização do novo, no sentido de original, embora o valor desmedido atribuído à originalidade seja relativamente recente na cultura ocidental, haja vista a estética clássica, em que a imitação como procedimento artístico não impediu o surgimento de obras originais.

A partir do século XVIII e, mais especificamente, do século XIX, com seu processo de industrialização e mercantilização exacerbado, inclusive da cultura e da arte, é que originalidade ascende à posição de valor supremo: assim o exige um mercado ávido por coisas diferentes que, exatamente por serem diferentes, devem valer mais (dinheiro) do que as coisas conhecidas. (COELHO, 2005, p. 18).

Coelho (2005) salienta a função do novo como uma consequência do domínio da novidade no mercado em geral. Entretanto, Antoine Compagnon (1996) afirma que o papel do novo se explica, paradoxalmente, também como uma resistência às limitações impostas por essas leis de mercado, o que o levaria a incluir o culto melancólico do “sempre novo” no bojo dos paradoxos da modernidade, isso porque tal fato desencadearia um

processo incessante de “produção de ruínas”, conforme apontado por Walter Benjamin.

O novo está imbricado no paradigma do projeto de modernidade, um projeto que, para muitos, ainda não teria se realizado plenamente. Não faz muito tempo um candidato à presidência da república de nosso país teve sua campanha comprometida por ser “acusado” e, posteriormente, ter-se assumido ateu. Ora, uma das primeiras consequências do projeto de “libertação” iluminista – a distinção e separação entre religião e política – parece, de fato, não ter se realizado aqui e em algumas sociedades e culturas. O que dizer de sociedades em que a religião rege a dinâmica social, influenciando na política, na arte, na ciência?

O fato é que o projeto de modernidade assumiu, no Ocidente, contornos mais bem definidos nos primeiros anos do século XX. As descobertas técnicas daquele momento contribuíram para uma alteração radical do modo de vida daquilo que seria a modernidade. Também a mudança na experimentação do espaço e do tempo fundamenta a modernidade. A lógica aristotélica e o tempo newtoniano têm, neste momento, confirmadas uma variação. A partir da teoria da relatividade são revistas noções como tempo em si e espaço em si e tempo absoluto e espaço absoluto. Assim, tempo e espaço não existiriam mais em si mesmos, mas em relação a um observador.

No âmbito das artes plásticas, a estética cubista foi a que se voltou para o trabalho com a perspectiva do relativo. Para esse movimento de vanguarda, um objeto não seria igual a si mesmo por variar conforme varia o ângulo de observação desse objeto, podendo ele ser visto também sob vários aspectos num mesmo instante.

Também a literatura apostou na ruptura com a forma tradicional, revolucionando os padrões estéticos. Muitos autores mostraram uma forte preocupação com a construção de novos códigos, nova significação e novas alusões metafóricas nas linguagens que construíam,

dentre eles, Joyce, Proust e Virgínia Woolf. No Brasil, narrativas de Clarice Lispector e Guimarães Rosa rompem com o paradigma tradicional de enredo com começo, meio e fim e de narradores oniscientes, e, antes deles, Mário de Andrade, com seu Macunaíma – somente para citar alguns.

Mas, se a tradição moderna inicia-se com o surgimento do novo, um novo visto como a ruptura com um passado cunhado por um discurso histórico que circunscrevia os acontecimentos a um tempo linear de sucessões de causas e consequências, incluindo o acontecimento artístico, então esse discurso histórico se mostraria precário, deficiente.

Hoje assistimos à falência de pelo menos duas ideias constitutivas do projeto de modernidade: a visão do tempo como sucessão linear e progressiva e a noção de mudança como forma privilegiada de sucessão temporal. É sabido que ambas as ideias conjugaram-se em uma concepção de história como marcha em direção ao progresso, como se toda mudança fosse uma evolução, mesmo que desse progresso resultasse um amontoado de ruínas, conforme nos mostra Walter Benjamin (1994) em sua interpretação do *Angelus Novus* de Paul Klee, pintado em 1920.



Fonte: Artes Magazine.

Para Benjamin (1994), o aspecto do anjo de Klee deveria ser o aspecto do anjo da história, cujo rosto está voltado para o passado:

Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas [...]. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso. (BENJAMIN, 1994, p. 226).

Essa visão de história é resultante da ideia de história cunhada no Iluminismo, que a procurou mostrar como o desenvolvimento progressivo e ininterrupto da razão humana, ascendida à condição de valor supremo para a modernidade. O futuro, nessa acepção, seria a Canaã da modernidade, a terra prometida.

A crise da modernidade decorreu da incerteza dos valores e ideias fundadoras da modernidade, cujos primeiros sinais podem ser identificados em fins do século XIX, momento em que se começou a duvidar do progresso – mito intelectual do Ocidente. O descrédito na ideia de futuro e de progresso como evolução, tal qual apontou Nietzsche, feriu mortalmente a modernidade. Mas o filósofo não presenciou as transformações da época moderna – da cultura aos artefatos tecnológicos, da política a guerra e ao terrorismo, da arte clássica a antiarte, do local ao global, da objetividade ao ficcional – e os impasses a que levaram, nos tempos modernos, as relações entre arte e teoria, cultura de massa e cultura de elite, novidade e antiguidade, paradoxos que, de acordo com Compagnon (1996), seriam em decorrência de vários momentos de crise pelas quais passou a sociedade moderna, decorrente de transformações fundamentais no mundo do conhecimento e da representação.

A ideia de crise também reveste o termo pós-moderno, tão paradoxal quanto. Vemos o homem pós-moderno perdido, sem referências, já que a modernidade não estabeleceu caminhos para a pós-modernidade.

David Harvey (1993) situa a condição pós-moderna em uma sequência histórica, de forma que a sua compreensão só é possível mediante o acompanhamento dessa sequência e quando comparada com etapas anteriores. Nesse sentido, o autor vai colocar a pós-modernidade em relação à única condição frente à qual esta se define: a modernidade.

Para Harvey (1993), a pós-modernidade não seria algo inteiramente novo em respeito à condição moderna, mas uma continuidade dela, o lado contingente da afirmação de Baudelaire sobre a modernidade.

Também para o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004), os tempos atuais ainda seriam modernos, embora tendendo para uma exarcebção de certas características da modernidade como o individualismo, o consumismo, a fragmentação do tempo e do espaço.

Fato é que, neste momento, os tradicionais esquemas explicativos parecem ter caído em descrédito, não tendo mais legitimidade para serem sustentáculos inquestionáveis de projetos políticos e sociais, conforme apregoa Lyotard (1986). A desconfiança de metanarrativas, dentre elas, o marxismo, o freudismo, seria, para o filósofo, um dos traços caracterizadores da pós-modernidade, já que não há narrativa final à qual tudo se reduza, mas uma diversidade de perspectivas, de visões de mundo, que não podem ser explicadas à luz de uma única teoria.

As ideias de Foucault, importantes fontes de argumentação pós-moderna, explicitam também a falência das metanarrativas como discursos interpretativos pelo caráter totalizante dessas narrativas. O filósofo, ao refletir a relação entre poder e conhecimento, expõe que nenhum esquema utópico pode aspirar a escapar da relação de poder-saber de maneiras

não repressivas. Na percepção de Foucault, seriam variados os mecanismos do poder que foram e continuam utilizados e transformados por mecanismos e formas de dominação globais.

Mas se são múltiplas as formas de opressão, são múltiplos os focos de resistência a elas, já disse Foucault. Por isso, temos nos discursos dos grupos ditos minoritários, principalmente nas últimas décadas, referências explícitas às ideias foucaultianas. O pós-moderno prescindiria do pluralismo de vozes e da autenticidade dessas vozes.

Mas, talvez a ideia mais comum acerca da significação da pós-modernidade é aquela que a identifica como uma condição geral da sociedade do capitalismo tardio, fase correspondente a um terceiro momento do capitalismo, conforme apregoa o crítico marxista Fredric Jameson (1996). O autor nos mostra como nosso momento é dominado pelo consumo, sustentáculo do capitalismo na contemporaneidade.

Do culto à razão ao culto ao consumo. Hoje, as pessoas são levadas ao consumo desenfreado, ao acúmulo de bens materiais, de mercadorias. E não somente as coisas são consumidas, as pessoas também se tornaram mercadorias. Muitos fazem qualquer coisa para aparecerem na mídia. Os reality shows imperam na atualidade, configurando o que Jameson chama de “sociedade do espetáculo” (1996).

Também vivemos o prazer da experiência imediata, e os meios de comunicação contribuem para a sensação de que tudo pode ser alcançado e resolvido de modo imediato – a idolatria do tempo presente, o “presente perpétuo”, no qual ocorre

o desaparecimento do sentimento de história, o modo como todo o nosso sistema social contemporâneo começou, pouco a pouco, a perder sua capacidade de reter seu próprio passado, começou a viver num presente perpétuo e numa perpétua mudança que oblitera o tipo de tradições que todas as formações sociais anteriores, de um modo ou

de outro, tiveram que preservar. (KAPLAN, 1993, p. 43).

Nossa época se condena, assim, a viver num presente perpétuo, cabendo à mídia a função de relegar ao passado experiências históricas recentes. Em particular, a experiência da ditadura militar nos países latino-americanos e no Brasil é vista como ruína, algo acabado e que, por isso mesmo, deve ser esquecido. Nesse processo, a mídia funcionaria, segundo Jameson (1996), como agente de nossa “amnésia histórica”.

Também o avanço da tecnologia seria outra condição geral da sociedade do capitalismo tardio. A tecnologia tende a evidenciar os contrastes entre ricos e pobres, pois seu avanço não significou necessariamente sua democratização. Não são todos que podem se beneficiar desse avanço e a ausência da tecnologia pode ser justificativa para um novo “Imperialismo”.

Como visto, há mais de um ângulo pelo qual se pode apreender o pós-moderno. Seria lutar em vão tentar encontrar um elemento específico e definidor da condição pós-moderna, pois essa definição deve contemplar a multiplicidade de aspectos da vida contemporânea que se apresenta como pluridimensional.

No entanto, percebemos vislumbrarem-se, em várias áreas, mudanças decorrentes

da renúncia a todo projeto que pleiteie a emancipação do homem por meio da mobilização das forças da razão, da ciência e da tecnologia. Daí a desconfiança dos pós-modernos em relação às metanarrativas.

O fato é que não é mais possível compreender o mundo por meio de uma lógica, como a cartesiana, que isola e separa, que reduz o todo à parte, aos seus aspectos mensuráveis. A necessidade atual exige a substituição desse pensamento ao um pensamento que distinga, une, conflua. Corroboramos com a reflexão de Edgar Morin (2005) de que é preciso substituir um “pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo complexo: o que é tecido junto”.

Os espaços das indagações devem ser diversificados, a fim de que o tecido social construído seja resultado de muitas mãos. Com isso não estamos defendendo o vale tudo em termos de reflexão e análise. Defendemos uma posição que se coadune com a natureza fragmentada, multifacetada e contraditória das coisas na contemporaneidade.

A abertura à heterogeneidade e à multiplicidade e a reflexão ancorada em conceitos menos conservadores, certamente, poderão proporcionar condições mais significativas de leituras e interpretações da sociedade atual.

Referências

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COELHO, T. **Moderno pós-moderno: modos & versões**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

COMPAGNON, A. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Edições Loyola, 1993.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.

KAPLAN, E. A. (Org.). **O mal-estar no pós-modernismo**: teorias, práticas. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

LIPOVESTKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. 7. ed. São Paulo: José Olympio, 1986.

MORIN, E. **Amor. Poesia. Sabedoria**. Tradução Edgar de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PAZ, O. **A outra voz**. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

SANTOS, B. de S. **Pelas mãos de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2000.

Submetido em 20 de agosto de 2013.

Aprovado em 12 de setembro de 2013.